

VII Simpósio Nacional de História Cultural

HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

NUMA E A NINFA: A HISTÓRIA DE UM “ROMANCE DA VIDA CONTEMPORÂNEA” DE LIMA BARRETO¹

Denilson Botelho²

Peço licença a todos para iniciar esta comunicação contando uma historinha.

Era no tempo da Primeira República, que todos aqui bem conhecem. O Brasil deixara de ser uma monarquia e uma das grandes novidades daquele tempo era o fato de que, como num passe de mágica, todos os brasileiros tornaram-se cidadãos – e não mais súditos. Ou pelo menos era isto que se imaginava que havia de acontecer. Desta forma, o papel a ser desempenhado pela classe política passaria, ou deveria passar, por transformações substanciais.

É nesse contexto que surge Numa Pompílio de Castro, personagem central dessa história. Numa era um sujeito de origem interiorana, pacato e, porque não dizer, em certa medida preguiçoso. Nutria sonhos de ascensão social, desde que isso não lhe demandasse trabalho árduo e dedicação disciplinada aos estudos. Fez-se então bacharel em Direito, apesar de sua aversão aos livros e à leitura. Era enfim um doutor.

¹ Comunicação apresentada no VII Simpósio Nacional de História Cultural, no âmbito do Simpósio Temático 17 - “Imprensa, literatura e cidades nas encruzilhadas da história”, no dia 14 de novembro de 2014.

² Doutor em História Social pela Unicamp e professor do Curso de História da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp.

Mas para dar pleno curso ao seu arrivismo, cortejou um dos potentados da República, foi nomeado promotor de uma comarca de Estado longínquo e foi subindo até tornar-se juiz de Direito. Como magistrado, fez-se obediente aos desígnios de Neves Cogominho, chefe da oligarquia local que logo tornou-se presidente do Estado.

Como quem busca no casamento um definitivo empurrão na vida, casou-se com Edgarda, a filha de Neves Cogominho, e não demorou muito para ocupar uma cadeira na Câmara dos Deputados, indo morar no Rio de Janeiro, então capital federal.

No parlamento, o deputado era de tal forma inexpressivo e obscuro, que era comum ser identificado apenas como o genro de Cogominho. Frequentemente confundiam seu nome, chamando-o de Nuno, ao invés de Numa, e a imprensa não falava dele ou sequer mencionava seu nome, mesmo quando aparecia nas festas retratadas nas seções mundanas dos jornais.

Entretanto, a moça interiorana que desposara, tão arrivista quanto o marido, sonhava com o reconhecimento público e a distinção na alta sociedade carioca da época. Mas para que isto se concretizasse, era preciso construir a notoriedade do marido deputado. Edgarda passou então a ajudar o marido na elaboração de discursos para o parlamento. Dada a inaptidão intelectual de Numa, sua esposa passou a dedicar noites a fio à confecção de discursos a serem proferidos na Câmara pelo marido. A estratégia não só conferiu notoriedade ao casal, como fez do deputado figurinha fácil nas páginas dos jornais, que passaram a assediá-lo.

Para não me alongar na historinha, não vou entrar aqui nos seus detalhes, mas não posso deixar de servir a cereja do bolo deste romance, ou a surpreendente origem dos discursos que notabilizaram o Deputado Numa Pompílio de Castro. Nesse sentido, passo à leitura de um trecho revelador do texto.

Certa noite, como tantas outras,

contou-lhe Numa então toda a história e a necessidade que havia de fazer um discurso no dia seguinte. A mulher concordou e dispôs-se a compô-lo completo e perfeito. [...] O deputado foi dormir e a mulher trancou-se na biblioteca trabalhando na oração do marido.

A noite se fez totalmente. Numa dormiu profundamente as primeiras horas. [...] Mas, pelo meio da noite, despertou. Procurou a mulher ao lado. Não a encontrou. Recostou-se. Lembrou-se, porém, da combinação que tinham feito.

[...] Pensou em ir ver a mulher; em ir agradecê-la com um abraço o trabalho que estava tendo por ele. Calçou as chinelas e dirigiu-se

vagarosamente, pé ante pé, até ao aposento onde ela estava. Seria uma surpresa. [...] Foi. Ao aproximar-se, ouviu um cicío, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se imediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo... Eles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Não era ela? Que devia fazer? A carreira... o prestígio... senador... presidente... Ora bolas!

E Numa voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranquilamente.³

LIMA BARRETO.

Numa e a Nymppha

ROMANCE SUGESTIVO DE ESCANDALOS FEMININOS



Capa da 2ª tiragem de *Numa e a Ninfa* ilustrada por Ivan

³ BARRETO, Lima. *Numa e a ninfa*. Rio de Janeiro: Oficinas d'A Noite, 1915. p. 73.

Não seria possível, a meu ver, fazer essa comunicação sem compartilhar minimamente com os que me ouvem o conteúdo desta obra literária. Antes de fazer dela um objeto de estudo e uma fonte para a história do Brasil da Primeira República, impõe-se a prazerosa tarefa da leitura inebriada do romance que foi propositalmente anunciado nas páginas do jornal *A Noite*, como um “romance da vida contemporânea”.

Sobre Lima Barreto faço uma breve apresentação. Nascido no Rio de Janeiro, num 13 de maio sete anos antes da abolição, o mulato que viria a se transformar em escritor teve trajetória de vida breve. Frequentou a Escola Politécnica, no Largo de São Francisco, no centro do Rio de Janeiro, desistiu de concluir o curso, suspeitando que suas sucessivas reprovações nas cadeiras de Cálculo e Mecânica fossem decorrência de racismo. Diante da necessidade de assegurar a sua sobrevivência e a de sua família, tornou-se amanuense da Secretaria da Guerra e mudou-se para o subúrbio, morando em casa modesta que apelidou jocosamente de Vila Quilombo. Em nenhum momento, contudo, abandonou as letras, tendo produzido romances, contos, crônicas e muitos artigos e crônicas publicados na imprensa do período. Deixou ainda diários e farta correspondência hoje depositados na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Faleceu aos 41 anos de idade, em novembro de 1922.

O romance *Numa e a Ninfa* é o menos conhecido entre aqueles que Lima Barreto escreveu: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Clara dos Anjos* (1948)⁴.

Numa e a Ninfa foi o terceiro romance de Lima Barreto publicado em livro, em 1917. Tal como *Policarpo*, saiu inicialmente em folhetins, no jornal *A Noite*, a partir de 15 de março de 1915. *Policarpo* havia sido publicado em folhetins na edição da tarde do *Jornal do Comércio*, em 1911. No mesmo ano de 1917 em que *Numa e a Ninfa* foi publicado em livro, publica-se também a 2ª edição de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

Numa e a Ninfa nasceu como conto antes de vir a público como folhetim, sendo depois publicado no formato de livro. Inicialmente, um conto intitulado “Numa e a ninfa” foi publicado em 3 de junho de 1911 na *Gazeta da Tarde*. No ano seguinte, em 1912, o autor publicaria em fascículos o conto “Aventuras do Dr. Bogoloff” (os dois primeiros

⁴ Lima Barreto deixou também um romance inacabado, intitulado *Cemitério dos vivos*, inspirado nas suas experiências de internação no hospício e nos diários que produziu sobre esta experiência.

fascículos pela Edição de A. Reis & C.). Esses dois contos constituíram o núcleo central do romance *Numa e a ninfa*, cujos dez capítulos foram escritos em curto período de tempo, tal como registrado no *Diário íntimo* do escritor:

O *Numa e a Ninfa* foi escrito em vinte e cinco dias, logo que saí do hospício. Não copiei sequer um capítulo. Eu tinha pressa de entregá-lo, para ver se o Marinho me pagava logo, mas não foi assim e recebi o dinheiro aos poucos. Escrevi-o em outubro de 1914. O Marinho era o diretor da *A Noite*.⁵

Examinar trechos desse diário que documenta a trajetória de vida de Lima Barreto permite-nos destituir o ofício de escritor de qualquer *glamour*, inserindo o autor em questão no movimento da história. Estamos diante de um indivíduo como outro qualquer, de uma pessoa comum, que realiza um trabalho e depende da sua remuneração para sobreviver.

E aqui aproveito para mencionar um importante referencial teórico para esta pesquisa, que é a obra do historiador inglês Raymond Williams. Refiro-me aqui ao rico e consistente investimento empírico e teórico consignado nos textos de Williams no sentido de nos fazer perceber a cultura e a literatura como algo que pertence a todos, que está inscrito e expresso nas instituições, nas artes e no conhecimento⁶. Portanto, a literatura deve ser tratada como parte do desenvolvimento de uma sociedade, resultante das pressões das experiências vivenciadas pelos indivíduos.

Cultura e literatura designam assim modos de vida e significados comuns pelos quais a criação artística e literária é necessariamente atravessada. Por isso talvez seja tão interessante flagrar Lima Barreto envolvido nas engrenagens da produção do romance *Numa e a Ninfa*, investigando não só as condições materiais que tornaram possível a existência desse romance, como também as relações dialéticas entre texto e contexto⁷.

Estamos diante de um texto que foi “escripto especialmente para *A Noite*”, como consta na folha de rosto de sua primeira edição. Trata-se de um trabalho pelo qual o autor anseia ser remunerado logo, ou pelo qual deseja receber o seu pagamento. Esta é uma

⁵ BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 182.

⁶ WILLIAMS, Raymond. “Culture is ordinary” in *Resources of hope*. London: Ed. Robin Gable, [1958] 1989, p. 3-18. [“A cultura é de todos”, traduzido por Maria Elisa Cevalco, Depto de Letras da USP].

⁷ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

condição que, por si só, nos afasta da imagem glamourosa do intelectual recolhido em sua torre de marfim a recriar o mundo em forma de literatura.

Estamos também diante de um ser humano de carne e osso, com problemas pessoais concretos, que lida com questões concretas da sua sobrevivência, preocupado em receber o quanto antes o seu pagamento pelo que escreveu. Além disso, trata-se de um indivíduo recém-saído de uma internação no hospício, embora jamais tenha sido um doente psiquiátrico. Ocorre que sendo negro, suburbano e alcoólatra, caiu nas malhas da “loucura” convenientemente fabricada⁸ nos primeiros tempos de uma república que fez dos hospícios um espaço de reclusão de toda sorte de elementos indesejáveis: negros, pobres, mendigos, prostitutas, trabalhadores informais e tantos outros que resistiram a um necessário enquadramento na ordem capitalista que vai se consolidando naqueles tempos.

Cabe fazer também algumas considerações sobre o jornal *A Noite*, dirigido por Marinho. Trata-se de Irineu Marinho, que em 1925 fundaria o jornal *O Globo*, em circulação ainda nos dias de hoje. Antes de criar este jornal, que décadas mais tarde viria a se desdobrar no império midiático das organizações Globo, Irineu Marinho criaria, em julho de 1911, um jornal vespertino essencialmente sensacionalista. Segundo Maria Alice Rezende de Carvalho, “*A Noite* fora concebida para falar ao homem comum, ao trabalhador que é capaz de ler, mas que se desinteressa dos textos rebuscados, que não lhe tocam a emoção”.⁹

E como explicar a publicação de *Numa e a Ninfa* no vespertino *A Noite*?

Em 1914, o jornal de Irineu Marinho havia sido duramente atingido pelo governo de Hermes da Fonseca (1910-1914), tendo sua publicação suspensa por ocasião do estado de sítio decretado ainda no ano anterior, como forma de enfrentar inúmeras greves deflagradas no país. O jornal passou a maior parte do mês de março de 2014 sem circular.

Para Maria Alice Rezende de Carvalho,

A contundência de Lima Barreto contra a corrupção em todos os níveis e o jornalismo como fachada de negócios escusos lhe conferia um modo único de escritura e expressão que Irineu Marinho buscou associar ao seu jornal. Em *Numa e a Ninfa* há uma acentuação crítica de Lima Barreto aos políticos e jornalistas que, não dispendo de meios próprios

⁸ BOTELHO, Denilson. A “fábrica de loucos da Primeira República”: cidadania e exclusão no Rio de Janeiro de Lima Barreto. In: BOTELHO, Denilson (Org.). *História e cultura urbana: a cidade como arena de conflitos* (no prelo). 1ªed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

⁹ CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Irineu Marinho: imprensa e cidade*. São Paulo: Globo, 2012. p. 128.

de enriquecimento e obtenção de prestígio, serviam aos poderosos, e não ao público.

[...] Por fim, tanto Lima Barreto quanto Irineu Marinho, críticos do *status quo* e céticos quanto ao progresso entrevisto na *belle époque*, foram sendo levados às cordas do sistema e obrigados, com isso, a radicalizar suas posições. Irineu se dirá nacionalista e Lima Barreto, socialista, ainda que não sejam evidentes os sentidos que aquelas palavras possuíam nos contextos em que se tornaram seus respectivos emblemas. O certo é que ambas sinalizavam a insatisfação de Irineu e Lima Barreto com o liberalismo de compleição oligárquica que caracterizou a Primeira República Brasileira.¹⁰

Talvez, considerando tais aspectos, não seja difícil ver no personagem Bentes uma caracterização que muito o aproxima de Hermes da Fonseca. Da mesma forma que não seria difícil identificar o personagem Fuas Bandeira como vivamente inspirado em João Laje, dono do jornal sempre “amigo de todos os governos”¹¹, *O País*.

Nos dias que antecederam a publicação do folhetim, *A Noite* anunciava “Um romance que vae causar sucesso”, no qual é possível observar essas associações de forma muito evidente. Na primeira página da edição do dia 12 de março de 1915, sob uma ilustração contendo minicaricaturas desenhadas por Seth, era possível ler sobre “a galeria onde Lima Barreto foi buscar os personagens do ‘Numa e a Nympha’”:

“Numa e a Nympha é uma “charge” inclemente aos homens políticos do momento. Alguns deles o leitor facilmente reconhecerá, apesar da máscara que Lima Barreto lhes afevelou ao rosto. Mas se o nome é suposto, os seus vícios e processos são por demais conhecidos para que não sejam apanhados em flagrante.”¹²



¹⁰ CARVALHO, *op cit.*, p. 126-128.

¹¹ BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

¹² *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 de março de 1915, pág. 1.

O TEMPO — Máxima, 20,3; mínima, 15,8

ASSIGNATURAS
Por ano 22\$500
Por semestre 12\$200
SEMEIHO AVANÇADO 100 RS.

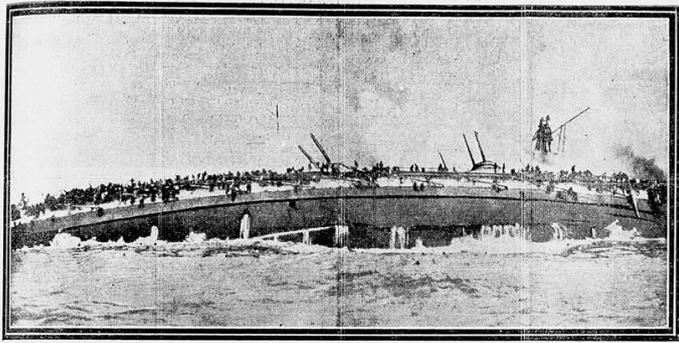
Redacção, Largo da Carioca 14, sobrado — Oficinas, rua Julio Cesar (Carna), 31
TELEPHONES, REDACÇÃO, CENTRAL 523, 5285 e OFFICAL — OFFICINAS CENTRAL 832 e 5284

OS MERCADOS — Café, 6530 e 6339, Cambi, 13 1/2 a 13 3/4.

ASSIGNATURAS
Por ano 22\$500
Por semestre 12\$200
SEMEIHO AVANÇADO 100 RS.

Um «tour de force» photographico

OS ULTIMOS MOMENTOS DO «BLUCHER»



Os últimos momentos do grande cruzado alemão «Blücher», junto a praia na batalha do mar da Noite. O último número de «The Graphic» publica esta gravura de acordo com a mais interessante gravura da guerra até aqui publicada. É um trabalho e um trabalho importante. A gravura representa o momento em que o «Blücher» estava sendo rebocado para o mar. O «Blücher» foi rebocado a grande distância pela trilha costeira. Hoje a gravura é, e depois ampliada.

Um romance que vai causar sucesso

A NOITE começará a publicar por estes dias um livro novo de Lima Barreto



A gravura onde Lima Barreto foi buscar os personagens do «Nana e a Nympha»
Uma notícia excelente. A NOITE vai publicar um romance de Lima Barreto, o qual é a obra de um grande escritor e de um grande romancista. O romance é o «Nana e a Nympha», e trata de dois personagens, Nana e a Nympha, que vivem em um mundo de sonhos e de realidade. O romance é escrito em um estilo claro e elegante, e trata de temas que são de grande interesse para o leitor. O romance é o primeiro de uma série de obras que Lima Barreto está escrevendo para a NOITE. O romance é o primeiro de uma série de obras que Lima Barreto está escrevendo para a NOITE.

Job a forma poetica de linhas borboletas brancas e sobre as nossas hortas uma terrivel praga



Job a forma poetica de linhas borboletas brancas e sobre as nossas hortas uma terrivel praga

Job a forma poetica de linhas borboletas brancas e sobre as nossas hortas uma terrivel praga. A praga das borboletas brancas é uma praga muito comum em nossas hortas. Ela se manifesta na forma de pequenas borboletas brancas que se alimentam das plantas. A praga é muito difícil de controlar, e pode causar grandes danos às hortas. É importante tomar medidas para evitar a praga, como a remoção das plantas afetadas e o uso de inseticidas.

A Alemanha emprega esforços supremos para que a Italia continue neutra

A Rússia vai conceder autonomia à Polonia Já onze subma:inos alemães perdidos

Os navios francezes bombardeam o monte Propheta Elias
A Alemanha faz saber as suas futuras disposições
LONDRES, 12 (A NOITE) — Os jornales britânicos estão cada vez mais convencidos de que a Alemanha não tem intenção de abandonar a guerra. A Alemanha está empregando todos os seus recursos para manter a Itália neutra. A Alemanha está empregando todos os seus recursos para manter a Itália neutra.

A neutralidade da Italia

A conferencia do principe de Bulow com o Sr. Salandra
Mada se sabe de positivo
PARIS, 12 (A NOITE) — Todos os jornales italianos commentam largamente a longa entrevista que o embaixador allemão, príncipe de Bulow, teve com o Sr. Salandra, presidente do Conselho.

Perdeu-se mais um «Zepelin»

LONDRES, 12 (A NOITE) — Um Zepelin está oficialmente anulado, que se ignora o destino que teve o dirigível «Zeppelin», que partiu por Colônia em direção à cidade de Bolonha.

A Polonia vai ter autonomia

PARIS, 12 (A NOITE) — Segundo os jornales romanos, o príncipe da neutralidade italiana seria a concessão que a Alemanha consentiu conceder a Austria em favor da Italia.

Os elephantes e os cães na guerra

LONDRES, 12 (A NOITE) — O commandante de guerra do «Daily Mail» comunica que os alemães entraram para a guerra com elephantes, cães e outros animais. Os alemães entraram para a guerra com elephantes, cães e outros animais.

Abi vem o Sr. Gonçalves Maia

PARIS, 12 (A NOITE) — Parhi aqui, a noticia do Sr. Gonçalves Maia, deputado eleito para o Rio de Janeiro.

A Mexico arnarchado

PARIS, 12 (A NOITE) — O ministro da Guerra annunciou a proxima partida para o Rio de Janeiro de um corpo expedicionario mexicano.

Os allemães desportarion em Augustow, cantam victoria

LONDRES, 12 (A NOITE) — Uma noticia official alemã publicada em Berlim diz que os allemães desportarion em Augustow, cantam victoria.

Noticias de Hespanha

O incendio do «Tiflis» está quasi extinto
MADRID, 12 (A NOITE) — O incendio do «Tiflis» está quasi extinto.

Exercito no Contestado

Este caso do Contestado vai ser tratado nos termos do rio. Não é de hoje que o exercito brasileiro está no Contestado.

Uma reunião do conselho de ministros

MADRID, 12 (A NOITE) — O conselho de ministros reuniu-se hoje para tratar de assuntos de grande importância.

Parte para o Rio o Sr. Gentil

PARIS, 12 (A NOITE) — Segundo a noticia de aqui, o Sr. Gentil está vindo para o Rio de Janeiro.

Um novo biop brasileiro

ROMA, 12 (A NOITE) — O papa acaba de nomear um novo biop brasileiro para o Rio de Janeiro.

No museu de extravagancias nacionales

PARIS, 12 (A NOITE) — O museu de extravagancias nacionales está aberto ao publico.

O secretario da presidencia da Republica chegou a Paris

PARIS, 12 (A NOITE) — Chegou a Paris o secretario da presidencia da Republica.

Um novo biop brasileiro

ROMA, 12 (A NOITE) — O papa acaba de nomear um novo biop brasileiro para o Rio de Janeiro.

No museu de extravagancias nacionales

PARIS, 12 (A NOITE) — O museu de extravagancias nacionales está aberto ao publico.

No romance em questão, Lima Barreto descreve, a certa altura, uma visita do dono do jornal *Diário Mercantil* à residência do deputado Numa Pompílio de Castro. Vale atentar para o título sugestivo desse jornal, pois o *Diário Mercantil* é usado para fazer negócios, um diário mercantil mesmo, utilizado para mercadejar. O dono do jornal, Fuas Bandeira, era português de nascimento e é descrito do seguinte modo no romance: “desde muito se achava no Brasil, metido em coisas de jornal. Homem inteligente, não era nem ignorante nem instruído. Tinha a instrução e a inteligência de homem de comércio e pusera na sua atividade jornalística, o seu espírito e educação comerciais”¹³.

Fuas Bandeira certa vez foi bater à porta da casa do Deputado Numa Pompílio de Castro, que se notabilizara recentemente ao proferir discurso na Câmara em defesa da venda – ou privatização - da Estrada de Ferro de Mato Grosso. Bandeira vislumbrava ali mais uma oportunidade de praticar o “jornalismo de negócios” ou a “indústria do jornal”, engrenagem principal do seu *Diário Mercantil*.

Portanto, como indiquei em artigo recente¹⁴ sobre os meios e modos de se fazer jornalismo na Primeira República, publicado na revista *Antíteses*, esse é mais um trecho de romance bastante sugestivo do que pensa Lima Barreto sobre os homens de imprensa do seu tempo. O jornalismo apresentava-se como atividade venal e esta era a imprensa sobre a qual o romancista voltava sua artilharia crítica: uma imprensa sem o menor compromisso com a função pública de informar e servir a sociedade, ou mesmo com a isenção e a imparcialidade.

Tendo em vista os limites dessa comunicação, cabe ressaltar ainda que *Numa e a Ninfa* foi dedicado a Irineu Marinho, que fez com que as oficinas do jornal *A Noite* transformassem o folhetim em livro na sua primeira edição. Além disso, apesar do biógrafo Francisco de Assis Barbosa ter considerado o livro excessivamente panfletário e produzido com a finalidade de ganhar dinheiro, há que se assinalar o seu êxito comercial, pois no mesmo ano da publicação, em 1915, imprimiu-se uma segunda tiragem com nova capa desenhada por Ivan, contendo os seguintes dizeres: “romance sugestivo de escândalos femininos”.

¹³ BARRETO, Lima. *Numa e a ninfa*. Rio de Janeiro: Oficinas d’A Noite, 1915. p. 10.

¹⁴ BOTELHO, Denilson. Sobre os meios e modos de fazer jornalismo na Primeira República: Lima Barreto entre a história e a ficção. *Antíteses* (Londrina), v. 6, p. 32-52, 2013.

Para finalizar, talvez seja importante destacar que Lima Barreto usou como pseudônimo o nome do personagem de *Numa e a Ninfa*, Dr. Bogóloff, para assinar “Palavras de um snob anarquista”, artigo publicado em 15 de maio de 1913 n’*A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira. Usaria o mesmo pseudônimo em 1918, no jornal vespertino *Lanterna*. Em seguida, nesse mesmo jornal, retira a máscara do pseudônimo, assinando-se “Lima Barreto” (ex-Dr. Bogóloff). Portanto, pode-se concluir que o escritor transita entre a ficção e a realidade sem a menor cerimônia. Esse é um dos motivos pelos quais me recuso a tratar a literatura apenas como representação do real, pois ela me parece, sobretudo, uma forma bastante concreta de intervenção na realidade. Lembrando a célebre e irônica questão formulada por E. P. Thompson¹⁵, não creio ser necessário perguntar se a literatura existe. E me interessa muito mais compreender o seu grau de intervenção no tempo histórico a que pertence do que enveredar pelos descaminhos da história como a arte de inventar o passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Numa e a ninfa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Oficinas d’A Noite, 1915.

BOTELHO, Denilson. A "fábrica de loucos da Primeira República": cidadania e exclusão no Rio de Janeiro de Lima Barreto. In: _____ (org.). *História e cultura urbana: a cidade como arena de conflitos*. 1ªed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BOTELHO, Denilson. Sobre os meios e modos de fazer jornalismo na Primeira República: Lima Barreto entre a história e a ficção. *Antíteses* (Londrina), v. 6, p. 32-52, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Irineu Marinho: imprensa e cidade*. São Paulo: Globo, 2012.

¹⁵ THOMPSON, E. P. “Mesa, você existe?” In: *A miséria da teoria, ou um planetário de erros; uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 13-18.

THOMPSON, E. P. “Mesa, você existe?” In: *A miséria da teoria*, ou um planetário de erros; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 13-18.

WILLIAMS, Raymond. “Culture is ordinary” in *Resources of hope*. London: Ed. Robin Gable, [1958] 1989, p. 3-18. [“A cultura é de todos”, mimeo traduzido por Maria Elisa Cevasco, Depto de Letras da USP].

